



Entrevista
Ademar Ajimura
Pág. 6

Ano 12 - N°
141
Out/2016

paraná cooperativo



**Sistema
Ocepar**

Ocepar
Sescoop/PR
Fecoopar



NOSSO LEGADO

Projetos apoiados pelo Programa Jovemcoop ensinam as novas gerações a pensar e agir de forma cooperativa

Av. Cândido de Abreu, 501 - CEP 80530-000 - Curitiba - Paraná - www.paranacooperativo.coop.br



■ **ELICOOP**

Jovens líderes participam de oficina de criatividade em Curitiba

Com o Assessor de Cooperativismo e coordenador geral do 1º EJAP – Encontro de Jovens Agricultores Cooperativistas do Paraná

Ademar Ajimura

“O jovem é o nosso presente”

por Marli Vieira

“Tem que trabalhar com esse público já, dar atividades, integrá-lo à cooperativa. Temos jovens preparadíssimos e que aguardam, apenas, uma oportunidade”

Londrina, 7 de outubro, 15 horas. A conversa é com Ademar Ajimura, 68 anos, engenheiro agrônomo, cooperativista, casado com Alice, pai de Katia e Karina. Este senhor, de voz calma e jeito tranquilo, relata sua história no cooperativismo com a mesma parcimônia de quem descreve uma semana corriqueira de trabalho. Ao lado de companheiros como Ciro Ohara, seu amigo há mais de 30 anos e com quem faz questão de dividir qualquer reconhecimento que lhe concedam, articulou e coordenou o 1º Encontro Estadual de Jovens Agricultores Cooperativistas do Paraná (EJAP), hoje chamado de Encontro do Jovemcoop.

A história contada por Ajimura envolve pessoas que, em meados dos anos 80 e 90, perceberam a importância do jovem no contexto do cooperativismo e da agricultura, e as dificuldades enfrentadas, principalmente, a falta de valorização no âmbito familiar e as poucas perspectivas de futuro vislumbradas por esse público. Ao abraçar a ideia do EJAP, sugerida pelos próprios jovens, ele plantou a semente de um trabalho que é, reconhecidamente, fundamental para a perenidade do sistema cooperativo. “Não temos que ver o

jovem como futuro. Ele é o nosso presente. Precisamos trabalhar com ele já”, enfatiza.

Assim é Ajimura, uma pessoa de ideias e ações, cujo pensamento está lá adiante. E ele novamente dá provas disso ao defender a tese de que é hora de reinventar o trabalho de organização do quadro social no Paraná. “Por conta de tudo o que já foi feito, chegou o momento de seguirmos outra linha. O trabalho com jovens e mulheres já deu resultados. Hoje esse público está bastante inserido na propriedade e nas ações das cooperativas. Então, penso que não podemos mais fazer ações isoladas para o núcleo feminino e o núcleo jovem. Temos que juntar todo mundo porque hoje está tudo integrado”, frisa. Confira a seguir, a entrevista de Ajimura para a Revista Paraná Cooperativo:

Conte um pouco da sua história.

Nasci em São Paulo, numa comunidade chamada Padre Nóbrega, hoje distrito de Marília. Sou o terceiro, de uma linhagem de quatro irmãos. Quando tinha 7 anos, minha família mudou-se para a região de Cambé, no norte do Paraná. Meu pai com-

“

O trabalho com jovens e mulheres já deu resultados. Hoje esse público está bastante inserido na propriedade e nas ações das cooperativas”

prou um sítio, onde cultivávamos café e, mais tarde, soja. Eu estudava na cidade e andava quatro quilômetros para ir e outros quatro para voltar, todos os dias. Terminei o ginásio e me mudei para São Paulo. Eu e meus irmãos abrimos um supermercado lá. Mas o negócio não deu certo. Voltei para Cambé e me inscrevi no científico. Depois fiz cursinho e, então, vestibular para agronomia numa faculdade em Bandeirantes (PR).

E quando o cooperativismo entrou na sua vida?

Desde sempre. Meu pai veio do Japão ainda criança. Mas antes disso conheceu o cooperativismo. Meus avós eram associados de uma cooperativa no Japão. Quanto comprou o sítio em Cambé, meu pai precisava de apoio para vender a produção de café e se tornou um dos sócios-fundadores da Cooperativa de Cotia, no norte do Paraná. Isto foi na década de 70. Mais tarde, associou-se também à Corol, onde entregava soja. Eu acompanhava meu pai em tudo e, assim, fui conhecendo o cooperativismo. Quando passei no vestibular, ganhei uma bolsa de estudo da Corol. E antes mesmo de formado, já estava contratado pela Cooperativa,

como técnico agrícola. Entrei em 1972 e me desliguei em 1979, quando fui para a Cotia.

O que o levou a se envolver com a formação do quadro social, especialmente, jovens e mulheres?

Na época, a Cotia atuava em 10 estados do país e, em alguns deles, como São Paulo, era desenvolvidas ações para a família. Mas era muito oba-oba, festa. Não via futuro nisso. Então, levei à diretoria uma proposta focada em cursos técnicos e aperfeiçoamento pessoal. A ideia foi aceita. A primeira coisa que fizemos foi criar um departamento de jovens e outro de senhoras. Fui transferido para Londrina para coordenar esse trabalho em quatro singulares. Eu vivia na estrada. Um dia estava em São Joaquim (SC), e no dia seguinte em Dois Irmãos (MT). Montamos um trabalho muito bom e que funcionava. Trouxemos cursos na área de saúde, culinária e cooperativismo, explicando como era a relação do cooperado com a cooperativa. Tinha também viagens técnicas, visitas às cooperativas até de outros estados. Fomos a Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, etc. Isto começou a despertar o interesse dos jovens.

>>

“ De cima da colheitadeira ou no meio do pasto, temos acesso à tecnologia. Estamos ligados com o mundo o tempo todo ”

E como era trabalhar com esse público na época?

Foi uma quebra de paradigma. A mulher não se envolvia nos assuntos do marido. Alguns, no início, ficaram um pouco bravos, disseram que estávamos incentivando que as esposas ficassem questionando e vigiando o que eles faziam. Mas não enxergávamos dessa forma. Eu cheguei a dizer a um deles que se ele era casado em comunhão de bens, então, sua esposa mandava em 50% de tudo o que era deles e que ela tinha o direito de opinar.

Aos poucos as famílias foram abrindo suas mentes. Quando chegava nas propriedades, a conversa não era mais só com o marido. A mulher também participava. Ou seja, ela começou a se integrar na parte de assistência técnica e gestão da propriedade. Achava isso muito positivo. E o marido passou a ter o respaldo da esposa. Isso melhorou, inclusive, o relacionamento familiar, porque o casal passou a ter mais assuntos para conversar e trocar opinião.

Com o jovem, o objetivo era a sua fixação na agricultura. Na época, o jovem do sítio olhava à cidade com deslumbramento. Entendíamos os motivos, afinal, era difícil estudar, o acesso aos bens materiais era complicado, além do que os próprios pais não incentivavam os filhos a permanecerem na propriedade. Os filhos trabalhavam de sol a sol, mas não tinham um salário, nem reconhecimento. No máximo, ganhavam uns trocos para algum passeio ou comprar algo que desejavam muito.

Para completar, ainda estavam numa atividade que não era valorizada. A agricultura era o patinho feio do meio rural. A imagem que se tinha do agricultor era a do Chico Bento, do Jeca Tatu. Hoje é outra realidade. Não lidamos mais com agricultores, mas com empresários rurais, profissionais capacitados que têm acesso à informação. De cima de uma colheitadeira ou no meio do pasto, temos acesso à tecnologia. Estamos ligados com o mundo o tempo todo.

E como tudo isso chegou até o 1º Encontro de Jovens Cooperativistas do Paraná (EJAP)?

Em 1990, fui convidado pelo então ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, para ajudar na organização do 6º Congresso Mundial de Jovens Agricultores. Este evento acontecia a cada seis anos, e o Brasil seria o país sede. No total, o evento reuniu cerca de 1.500 participantes, representando 102 países. O Brasil participou com cerca de 300 jovens, de norte a sul do país. E do Paraná, levamos um grupo com 12 jovens da Cotia.

Ainda em São Paulo, me reuni com eles para fazer uma avaliação da nossa participação no evento. A opinião foi unânime: em termos de aprendizado, foi excelente; de resto, foi um fiasco. Não tínhamos exemplos do Brasil para apresentar ou questões para discutir. Faltava conteúdo. Ficou claro que o jovem brasileiro não estava preparado para falar sobre a agricultura.

Quando retornamos, aconteceu o Seminário de Jovens Agricultores da CAC-CC (Cooperativa Agrícola de Cotia – Cooperativa Central) e novamente o assunto foi debatido. A conclusão é que os jovens de outros países, principalmente da Europa e Estados Unidos, estavam mais avançados, unidos e bem preparados, eram de fato empresários rurais, sabiam fazer gestão da sua propriedade, tinham seu objetivo de trabalho bem traçado. No Brasil, era uma vergonha.

A partir disso surgiu a ideia de criar um grupo de jovens, em âmbito estadual, envolvendo todas as cooperativas, para discutir questões relacionadas à agricultura e à inserção do jovem. E disso surgiu a proposta de um encontro estadual. Ou seja, a ideia de organizar os jovens e de fazer o EJAP surgiu dos próprios jovens. Achei a ideia boa.

Conversei com a direção da Cotia e depois com a Emater. E na sequência fui para Curitiba, conversar com a Ocepar. Fui recebido pelo José Roberto Ricken, que hoje é o presidente. Ele gostou da proposta e foi falar com o presidente na época, o Ignácio Aloísio Donel. Montamos uma comissão organizadora, composta por representantes da Ocepar, Emater, Cotia e outras cooperativas. O Ricken não participou diretamente, mas foi ele quem abriu as portas para que a gente pudesse se reunir e conversar. Montamos o esboço do que seria o evento. Assim, saiu o 1º EJAP.

O pessoal comprou a ideia rápido e fez o possível para ajudar. O Seminário São Vicente de Paula cedeu o lugar, a Igreja forneceu todo o material de graça, o colégio estadual, ao lado da Igreja, cedeu a sala para as oficinas, o departamento de mulheres se encarregou de fazer as refeições.

Qual o objetivo do primeiro evento?

A fixação do jovem na agricultura. O êxodo rural era um problema muito preocupante. Os jovens olhavam o campo como um ambiente sacrificante e a cidade como um paraíso. Decidimos mostrar que viver no campo era tão bom ou até melhor do que na cidade. Também trouxemos à tona as dificuldades, como a falta de diálogo com os pais, a falta de uma visão empreendedora, entre outros aspectos.

E quais foram os principais desafios?

Foi que as cooperativas demonstraram uma certa resistência, porque não tinham experiência em trabalhar com jovens. Não sabiam o que esperar e até não acreditavam que o jovem podia se interessar em continuar no campo. Ouvi coisas do tipo: “os jovens são crianças, não sabem o que querem do futuro”. Mas depois dos primeiros EJAPs, isso começou a mudar.

Quando sentiu que esse trabalho estava dando resultado?

O EJAP foi o embrião, o ponto de partida para que as cooperativas comesçassem a dialogar sobre o trabalho de formação do jovem. E senti que estava dando certo quando percebi que os programas de formação passaram a ter uma visão mais profissional.

Que mensagem o senhor deixa para o jovem cooperativista?

Acreditar no que faz, ter um objetivo na vida, se ver como empresário rural.

E para os profissionais que atuam com a formação desses jovens?

Conheça o público com quem trabalha. As ações não devem ser planejadas conforme o pensamento da gente, e sim de acordo com o perfil dos jovens.

E para os dirigentes e gestores das cooperativas?

Deixar de pensar que o jovem é o futuro da agricultura. Ele é o presente. Tem que trabalhar com esse público já, dar atividades para os jovens, integrá-los à cooperativa. Temos jovens preparadíssimos e que aguardam, apenas, uma oportunidade. Temos que abrir mais a mente, aceitar novas ideias.

Qual o sentimento de ter contribuído, participado dessa história?

Um sentimento de dever cumprido. É muito gratificante saber que ajudei a contribuir para a formação do jovem cooperativista do Paraná. ■



“As ações não devem ser planejadas conforme o pensamento da gente, e sim de acordo com o perfil dos jovens”